

CENA 1 – O PORTAL

3 personagens surgem numa paragem do metrobus. É um meio de transporte para uma outra dimensão. É como se o meio de transporte fosse um intermediário entre a realidade e o mundo virtual que um deles (o idealista) busca. O outro também à procura (o realista), mas tem uma postura mais cínica e o terceiro (artista) já lá está, mas os outros desconhecem-no e ele não se esforça por deixar que eles o saibam. Chegam à plataforma e fazem algum alarido. Vão revelando o que vêm.

Personagem 1

É aqui. Tenho certeza que é aqui. É este portal.

(para outra pessoa do público na estação)

O que há no fim da viagem?

Personagem 1

(Para os passageiros)

O que há no final da viagem?

Personagem 2

É a Lousã!

Toda a gente sabe que é a Lousã! Há décadas que toda a gente sabe que no final da viagem está a lousã. Mesmo quando não havia viagem, era a Lousã que estava no final da viagem que é exatamente o que está no início da viagem quando voltas para trás.

Personagem 1

Não preciso da resposta. Só quero que se pergunte: O que há no final da viagem?

Personagem 2

É melhor calares-te. Não precisas de explicar o que andamos a fazer.

Personagem 1

Eu sei o que há no final da viagem. Só que ainda não encontrei. Mas sinto que é hoje.

Personagem 2

Ele é um excêntrico. Anda à procura de uma coisa... é muito complexo, nem vale a pena explicar.

Personagem 1

Quer saber o que há no final da viagem? (*para a música*) Um mundo exatamente igual a este, mas virtual. Em que não somos feitos de carne e osso, mas de zeros e uns (*glitch*). Onde cada pessoa é um conceito abstrato, onde ninguém adoece, onde nunca precisamos de morrer... (*desliga*).

Personagem 2

Olha que no mundo virtual também há vírus. E letais...

Personagem 1

(*Para outro passageiro - volta*)

O que é que o trouxe aqui? Essa é a pergunta.

O que faz alguém atravessar mundos? Por exemplo, eu olho para si e nunca diria que se interessa por outras dimensões.

Personagem 2

Deve ter sido o algoritmo. Aposto que viu vídeos no Instagram do metrobus e agora está aqui.

Personagem 1

Não. Isto é mais profundo. Cada um carrega algo.

Você, por exemplo. Aposto que quer deixar algo para trás.

Personagem 2

Ou encontrar algo. Às vezes só procuramos o que não temos. Acho que não precisas de a procurar noutra dimensão. Ela está mesmo nesta dimensão, mas não quer saber de ti.

(Começa a cantar e a dançar "Assim você me mata" de Michel Teló)

Personagem 1

Mas sonhar não custa... (uivos).

Personagem 2

Tudo começou quando ele teve um sonho.

Personagem 1

Quando eu tive um sonho.

Personagem 2

Sim. Ele teve um sonho. E contou-me. Era um sonho que era meu.

Personagem 1

Mas eu sonhei o teu sonho. Apareci no teu sonho e então o sonho que era teu, passou a ser um sonho meu.

O senhor já sonhou? O que sonhou?

Música

“Sonha o rico na riqueza
Que cuidados lhe oferece
Sonha o pobre que padece
Na miséria e na pobreza
Sonha o que busca a beleza
Sonha o que luta e pretende
Sonha o que agrava e ofende
E no mundo em conclusão
Todos sonham o que são
Coisa que ninguém entende
Eu sonho que estou aqui
De correntes carregado
E sonhei que em outro estado
Como príncipe vivi

O que é a vida? É um frenesim

O que é a vida? É uma ilusão x2

Uma sombra, uma ficção
O bem mais belo é medonho
Pois toda vida é um sonho
E os sonhos, sonhos são.”

Personagem 2

É isso mesmo. São sonhos. Não é real. Esta viagem, é como todas as outras. Andamos à procura de gambozinos.

Personagem 1

E nós? O que procuramos? Não é o mesmo? Um mundo onde o tempo é lento, mas a vida é rápida. Onde não precisamos de decidir nada porque tudo é escolhido por nós.

Personagem 2

Sim, um mundo onde não existe a opção “não aceitar todos os cookies.”

Personagem 1

Vocês estão aqui porque foram escolhidos. Não por mim, nem por ele. Por algo maior. Algo que nos empurra para além do que conseguimos imaginar. E eu quero descobrir o que é.

Personagem 2

Ou então estão aqui porque este era o único autocarro disponível e estiveram à espera dele mais de 20 anos. Nem sequer é um autocarro, nem um comboio nem um metro. É amarelo, é chinês, é elétrico. Eu quero é saber onde está o troço de D. Manuel II!

Personagem 1

Não importa. Tudo o que trazemos será transformado. Vocês, nós, este comboio.

Personagem 2

É um autocarro!

O que é a vida? É um frenesim

O que é a vida? É uma ilusão x2

Uma sombra, uma ficção

O bem mais belo é medonho

Pois toda vida é um sonho

E os sonhos, sonhos são."

Salta para dentro do autocarro

CENA 2 – REALIDADE VIRTUAL

Cena 2 – A Voz Futurista e o Encontro com o “Eu Virtual”

(O autocarro está em movimento. Um som digital suave interrompe o ruído ambiente. Os ecrãs no Metrobus acendem-se com uma luz futurista, revelando uma figura holográfica, andrógina. A voz da figura ecoa calmamente pela carruagem, com um tom envolvente, quase hipnótico.)

Figura Holográfica

Bem-vindos ao Metrobus da linha da Lousã. Agradecemos que mantenham a calma enquanto a viagem é iniciada. Por favor, sigam atentamente as instruções de segurança.

Primeiro passo: retire o seu dispositivo. Sim, o telemóvel. Não há necessidade de procurar outros objetos. O que precisa está sempre consigo.

Agora, abra a aplicação da câmara. Aponte-a para si mesmos. Certifique-se de que vê o seu reflexo no ecrã.

Perfeito. A imagem que vê é mais do que um reflexo. É um portal, uma âncora, uma chave. Guarde-a bem na sua mente.

(A figura sorri enigmaticamente antes de desaparecer dos ecrãs.)

Personagens 1 e 2 saem.

CENA 3 – RECONVERSÃO (+/- 9:30min)

Entram no autocarro em diferentes momentos dois personagens: O RECRUTADOR, um homem meio robótico, com uma máscara. O TRABALHADOR, um homem pesado, suarento, de óculos muito míopes e um ar exausto.

Recrutador

Boa tarde! Senhoras, senhores... trago uma proposta que não vão conseguir recusar. (*Primeiro para os passageiros e depois para o Trabalhador*). Mas primeiro necessito de saber... A senhora, tem um contrato de trabalho? E este senhor que aqui está, tem um contrato de trabalho?

Trabalhador

Uber-Eats. Cinco estrelas.

Recrutador

(Observa os passageiros e fixa-se no trabalhador)

Isso é ótimo. Mas, vamos falar sobre oportunidades.

Hoje em dia é tão bom podermos dizer aquilo que gostamos ou não gostamos. No trabalho podemos avaliar os nossos colegas, num restaurante ou num hotel podemos deixar uma crítica.

(Para diferentes pessoas no público)

Tem experiência com... hmm... Adestramento de inteligência artificial?

Controlo de tráfego de condução autónoma? Pilotar drones?

Figura

Eu trabalho na Segurança Social.

Recrutador

Hmm, que pena. Tem contrato de trabalho... Tem reforma.

Trabalhador

Desculpe, a sua alma dança quando trabalha com Segurança?

Figura

Sei lá... eu sou administrativo...

Trabalhador

Quem administra a sua vida?

Figura

A minha mulher.

Trabalhador

Você tem mulher!? Hahahahahah...

Ele tem mulher, ele tem mulher!

Escuta, me fala uma coisa... Como é a sua mulher?

Figura

Não tens nada a ver com isso.

Trabalhador

Me conta, o que é que 'cê faz com ela?

Figura

Não tens nada a ver com isso.

Recrutador chicoteia o ar

Trabalhador

Para quê viver com amarras, quando 'cê pode ser livre, sem vínculos, sem horários. Pode fazer o que quiser. Ir no banheiro enquanto trabalha; fazer um Zoom Call enquanto está a fazer compras no Mercado; brincar com os filho no horário de trabalho! Você é o patrão de 'cê mesmo. 'Cê toca violão? Tem tempo para isso depois do trabalho? Deixa a sua cabeça sonhar, enquanto as suas mãos dançam. Elas dançam?

Recrutador

Estamos a precisar de mãos e cabeças. As cabeças não precisam de pensar muito, só precisam de comandar as mãos. Para pensar temos soluções inovadoras. Temos regalias. Trabalho virtual, 100% digital, à distância, no conforto da sua casa. O que me diz?

Trabalhador

Eu digo 'pra 'cê olhar lá 'pra fora. O que é que 'cê vê?

Recrutador

Vejo esta paisagem muito bonita.

Trabalhador

'Cê não vê a sua alma voando?

Às vezes a minha alma voa. Olho pela janela e ela voa.

Está a ver, nas montanhas? A minha alma ali, a voar! A sua voa?

Recrutador

A minha alma voa. Voa e dança e canta. Está a ouvir? É a música da sua alma... Reconhece?

Trabalhador

Não...

Recrutador

Sim... escuta. Estás a ver. A tua alma está a gritar-te: liberta-te... Muda. Podes ser o que quiseres. Podes trabalhar 14h por dia, a partir de casa, 7 dias por semana, ninguém te vai controlar, podes dormir menos para trabalhar mais.

Temos pouco tempo. Esta oportunidade é limitada.

Trabalhador

Eu não vou pegar essa oportunidade, não. Quer saber? Eu vou me demitir. Ué, não tenho nem patrão... então, eu me auto demito. Me demito a mim mesmo. Hahahahaha...

(Olha para os sacos.)

Por gentileza, 'cê pode entregar isso na dona Ermelinda? É que ela 'tá tendo uma feira amanhã e é muito importante que ela receba esse negócio. 'Cê pode ficar com as cinco estrelas, com a comissão, os dois euro que a Uber lhe vai pagar. Ei! Oh alma! Me espera, alma! Eu voo com você!

Ei! Não esquece de entregar isso na dona Ermelinda, 'tá? Pode ficar com a comissão, pode ficar com tudo! Só entrega isso nela, 'tá bom? A minha alma voa! E eu voo com ela!

Recrutador

Se não tem interesse, vamos procurar noutro lugar. O mundo é o nosso mercado e não temos tempo a perder.

Aqui está o meu cartão. Podem trabalhar onde quiserem, porque não na aldeia mais remota? Em Serpins, Casal de Santo António, Vale do Açor...

Sejam audazes, trabalhem em Lobazes!

Aqui está o meu cartão (*repetidamente, de forma robótica*).

O recrutador distribui cartões de visita.

CENA 4 – NOTICIÁRIO

Paragem. São introduzidos dois “novos” passageiros com os telemóveis e colunas nas mãos.

O Passageiro 1 entra no metrobus com a música “Pedras no meu sapato” –

Dillaz a tocar na coluna e canta para o público.

De seguida, entra o passageiro 2, a tocar a música “Duvidava” – T-rex na coluna.

O passageiro 2 está constantemente a tentar vender algo não identificado aos restantes passageiros do metrobus.

Passageiro 1

Mano, podes baixar? Oh! Podes baixar?

Passageiro 2

Tenho liberdade para ouvir o que quero, mano.

Passageiro 1

Pois mas eu já estava aqui primeiro.

Passageiro 2

Temos pena irmão, isto é de todos...

(O Passageiro 1 toca a música Chaminé do Zara G na coluna, que funciona como um tratado de paz, unindo-os).

Passageiro 1

Então vais para onde, meu parceiro?

Passageiro 2

Mano eu ia para a Lousã fazer um business, mas afinal vou para (*paragem - depende do percurso*) porque está tudo a arder, irmão. A Lousã está completamente em chamas. Está mesmo crazy.

Passageiro 1

Eia mano, eu não sei se isso é verdade... onde é que viste isso?

Passageiro 2

'Tou te a dizer meu tropa, vi no TikTok... Olha aqui.

(Toca música Cabaret - Profjam na coluna e os dois cantam)

Passageiro 1

Oh isso é falso mano, isso é AI, é inteligência artificial... Olha vou pesquisar... Mano não vais acreditar! Não é nenhum incêndio, há cheias na Lousã... há tipo bué da água man. Está tudo tipo bué alagado, há casas a flutuar, carros tipo submarinos... Eu vou sair na próxima, irmão.

(Toca Água de Coco – Profjam na coluna)

Passageiro 1

Mas sabes o que é realmente importante, irmão? Sabes o presidente lá dos States, o Donald Trump? Mano ele comprou a tuga... Ele e o Elon Musk!

Passageiro 2

WTF mano, não acredito... como assim?

Passageiro 1

'Tou te a dizer mano, o Trump e o Elon Musk compraram a tuga.

Passageiro 2

Por quanto?

Passageiro 1

Foi por 1000 Dodges mano, a criptomoeda que tem o nome do cão do Elon Musk. 'Tás a ver os 50 estados da América? Agora Portugal é o Estado nº51 e chama-se Louisitania. Mudaram o game todo, mano.

(Toca Gangsta's Paradise – Coolio)

Passageiro 2

Não, tira isso irmão... Eu não gosto nada disso, só gosto de rap tuga...

Passageiro 1

Quer gostes, quer não gostes foi o sonoro que nos uniu irmão... O som tem esse poder. E olha agora sempre que for para fazer sonoros, tens de dar props tipo "Aye, this is the 51st state Louisitania cityyyyy"

Passageiro 2

(Passageiro 2 começa a chorar no ombro do Passageiro 1.)

Passageiro 1

Mano 'tás a chorar aqui no meio do autocarro à frente de toda a gente?

Passageiro 2

Desculpa irmão, tenho de deitar isto cá para fora... Achas que posso pôr um sonoro, mano?

Passageiro 1

Podes mano, deita tudo cá para fora, já que precisas...

Passageiro 2

(Toca Tá tudo bem – T-rex e começa a chorar compulsivamente).

Passageiro 1

Oh mano... para lá com isso mano... MANO!

Passageiro 2

Eu tenho bué saudades dela mano... Tudo me lembra dela... Eu olho lá para fora, vejo aquele monte grande e sinto a falta dela...

Passageiro 1

Ah, a tua dama era grande então...

Passageiro 2

Ya mano... Era 'ganda dama... Mas ela fez-me bué mal... Ela abriu um onlyfans pelas minhas costas, mano... Eu fiquei a bater mesmo mal por causa disso, tu não tens noção.

Passageiro 1

Não mano, aí não concordo contigo... Isso é a liberdade dela. Tu fazes os teus biz's e ela faz os dela, mano. Mas olha... pensa na conexão que arranjaste aqui dentro. Nós eramos pessoas tão diferentes, andámos aqui quase à chinada mas o sonoro aproximou-nos... O sonoro aproxima toda a gente.... É mais do que palavras, mais do que ações, é uma linguagem universal, sem barreiras. Isso é bué poético. Props.

Passageiro 2

Já sei, vou fazer um sonoro 'pra pôr no soundcloud para a minha dama ouvir e voltar para mim. E vou fazê-lo aqui mesmo com estes cotas a ajudar. Eu sinto falta da minha musa bro... parece que ela some, desaparece, desaparece, some...

Passageiro 1

Olha vamos pedir ajuda ao Senhor Músico.

(Dirige-se ao Senhor Músico e pede-lhe para criar uma música, baseada nas batidas que acabara de fazer).

(Dirigem-se os dois para o público e começam a atribuir às pessoas diferentes elementos musicais para criar um ensemble)

Passageiro 2

Vou mandar uns versos... Ouve só...

Nós falávamos por mensagem

Só te via no ecrã

Agora faço esta viagem

'Pra comer a tua irmã

Passageiro 1

Oh mano! Tu não podes dizer isso... Achas que tem algum jeito cobiçar as irmãs dos outros? Olha aí, vou te mostrar como se faz, segura aí os cotas, para eles não voarem ...

Olho lá pra fora

Para as montanhas e o resto
Estou farto desta espera
Estar sem ti é o que eu detesto

A viagem é passageira
Uma hora e acabou
E se querer mais é um vício
Viciado é o que sou

Passageiro 2

Ok ok acho que estou pronto para vou tentar outra vez...

Nós falávamos por mensagem
Só te via no ecrã
Agora faço esta viagem
A caminho da Lousã
Para ver a tua irmã

Passageiro 1

Oh já te disse para não dizeres isso! Voltas a falar da minha irmã e levas parceiro, tu não brinques comigo...a minha irmã tem 8 anos mano! Tu não queres ter a proteção de menores atrás de ti, pois não?

Passageiro 2

Ya mano, não aguento passar por isso... outra vez...

Passageiro 1

Como assim outra vez? Bem eu vou mandar mais um verso, segura aí os cotas.

Esta viagem é mágica
Estamos aqui no metrobus
A porta é automática
Não precisas fazer truz-truz

Passageiro 2

Eia essa agora inspirou mesmo, acho que agora vou conseguir mandar uma boa!

Vou chegar ao Apeadeiro
Já me sinto como um cão
Sobe-me este formigueiro
Que me dá ganda tesão

Passageiro 1

Mano! Tu não podes dizer isso! Tens aqui cotas, tens aqui chavalos, tens de manter o respeito! Não digas essas coisas, usa outra palavra... Sei lá tipo “entusiasmo”!

Passageiro 2

Mas isso não rima...

Passageiro 1

É verso livre, irmão...

Passageiro 2

Como o Walt Whitman?

Passageiro 1

Como o Walt Whitman mano, o OG.

Senhor Músico pode ajudar a acabar isto assim com um refrão, uma coisa mais lírica?

Refrão (2x)

**Olha lá fora, sorri para quem és
O mundo é o que sentes, é onde pões os pés
(Some, desaparece, desaparece, some)**

Refrão (2x)

**Olha lá fora, sorri para quem és
O mundo é o que sentes, é onde pões os pés
(Some, desaparece, desaparece, some)**

Passageiro 2

Malta muito obrigado, eu sou o Shadow, este é o Light, partilhem este som no Soundcloud, identifiquem nos stories para isto ter bué engagement para a minha musa me notar.

Passageiro 1

Mano, quem é que disse que eu sou o Light?

(Os dois saem do autocarro)

CENA 6 – SMALL STEP FOR THE MAN

Nos ecrãs do Metrobus aparecem imagens da chegada do homem à lua. Sons da chegada à lua de Neil Armstrong. Os dois bombeiros entram na carruagem a andar como se estivessem na lua, sem gravidade e em câmara lenta. Mesmo o discurso poderá ser mais lento.

Novo

O que é isto?

Velho

Eu disse-te. Eu tinha razão. Este é que é o tal portal. Aqui há fumo, mas não há fogo. Temos mesmo de descer na próxima paragem? É que isto é muito giro, eu quero aqui ficar!

Novo

Não estou a perceber. Estou com dificuldade em falar. Estou com dificuldade até em pensar. Socorro, levanta-me.

Velho

Já percebi, mas esse também é o teu estado natural. Estou na Lua. "estou na lua... não me chateies que eu agora estou na lua... e em breve vou chegar ao céu..."

Novo

Isto não é a lua. Olha lá para fora! Isto é Miranda do Corvo (ou a terra onde estiverem). O tempo é que está mais lento.

Velho

Será que esta é a entrada para outra dimensão? Noutro tempo? Outro mundo?

Novo

Não é do veículo, é da terra. Nesta terra o tempo é mais lento. Se olhares por aqui, o tempo é mais rápido, se olhares por ali, o tempo é mais lento.

Velho

Em Miranda?

Novo

Em todas estas terras. Tudo demora mais. As decisões demoram mais, as obras demoram mais. Até os incêndios demoram mais a passar. Tudo arde em fogo lento. Tudo demora mais.

Velho

Imaginem que estas árvores em vez de estarem verdes e paradas a olhar para nós enquanto passamos por elas, imaginem que está tudo a arder.

Imaginem que não se vê nada por causa do fumo. Imaginem que só se ouve o crepitir da madeira e o som do vento que traz o fogo.

Os senhores conhecem, eu conheço, toda a gente conhece histórias de fogo lento nestas encostas. E gente que deixava tudo para trás, para pegar no que houvesse e combater o fogo. Eram enxadas, baldes, as alfaias que houvesse à mão. Ramos de arvores. Houve até o presidente que despiu o casaco e foi combater o fogo.

(Sons de incêndio)

Novo

Parece outro tempo, um tempo que fica cada vez mais lento.

Será que as pessoas vivem menos?

Velho

Se tudo demora mais, vivem mais.

Novo

Vivem mais? Mas vivem melhor?

Velho

O que é viver melhor?

Novo

Não sei. O que é viver melhor?

Lurdes – Música.

CENA 8 – CANDIDATOS AUTÁRQUICAS

Dois candidatos das autárquicas entram. Cada um tem uma visão para a cidade e para a região e vão fazer os seus discursos tentando convencer os passageiros a votar na sua visão. Discursos muito demagógicos em crescendo.

Candidato 1

Bom dia! Bom dia, como está? Dê cá dois beijinhos! Que maravilha. Está a gostar do passeio? É um belo meio de transporte que aqui está, não é? É verdade! Estamos muito contentes por ter contribuído para trazer o Metrobus para a linha da Lousã. Não foi fácil!

Candidato 2

Bom dia! Bom dia, como está? Dê cá três beijinhos! Que maravilha. Está a gostar do passeio? É um belo meio de transporte que aqui está, não é? É verdade! Estamos muito contentes por ter contribuído para trazer o Metrobus para a linha da Lousã.

Candidato 1

Realmente é um belíssimo meio de transporte... e fomos nós que o fizemos!

Candidato 2

É mentira fomos nós que o fizemos.

Candidato 1

É verdade fomos nós que o fizemos.

Candidato 2

É mentira fomos nós que o fizemos. (*Soa quase como um espirro*).

Candidato 1

É verdade, fomos nós que o fizemos! Saúde.

Candidato 2

É mentira fomos nós que o fizemos.

Candidato 1

Portanto este belo meio de transporte, o metrobus...

Candidato 2

(Interrompe)

Metrobús

Candidato 1

O metrobus...

Candidato 2

Metrobús

Candidato 1

Metrobus

Candidato 2

Metrobús

(Ambos ficam em silêncio, olham um para o outro e finalmente cumprimentam-se).

Candidato 1

Ora, ora. Temos aqui o candidato da oposição – as autárquicas aproximam-se, é natural que nos encontremos. Como vai? Tudo bem?

Candidato 2

Oh Sôtor, é sempre um gosto. Como vai? Está tudo bem consigo? Com a sua família? O seu filhinho e a sua mulher lindíssima?

Candidato 1

Está tudo ótimo. Sôtor... não posso deixar de reparar que o senhor está a escamotear o meu discurso.

Candidato 2

Não estou a escamotear nada, Sôtor.

Candidato 1

Olhe, vou lhe dizer uma coisa, se o Sôtor se dedicasse tanto para colmatar os problemas da cidade, como se dedica a escamotear os discursos alheios, esta cidade estaria muito melhor.

Candidato 2

Ah mas eu colmato, colmato! Eu colmato aqui, colmato em casa, colmato no escritório. O Sôtor é que não colmata. Nem a sua mulher o senhor colmata!

Candidato 1

Sôtor, não lhe admito.

Candidato 2

Oh Sôtor, colmate-se.

Candidato 1

Bem, vamos ao que interessa... Esta senhora estava aqui a dizer que está a gostar muito da viagem, mas imaginem que era melhor ainda. Imaginem que estamos a ondular... Sintam a ondulação, a água fresca nos pés... Ondulemos todos, ondulem comigo!

(O candidato 1 começa a mover-se como se estivesse no mar).

Candidato 2

Oh Sôtor, isso é manipulação de votos.

(Começa a mover-se como se estivesse no mar, tal como o outro candidato).

Candidato 1

Olhem! Uma onda! *(salta)*.

Imaginem então o metrobus a entrar num corpo de água, como um anfíbio. Pois é, o meu partido quer desenvolver um ponto de ligação diretamente de Coimbra até Marrocos!

Candidato 2

Vou ter de o parar aí! Então o Sôtor quer fazer uma autoestrada livre de scoots de Coimbra a Marrocos? Isso é que era bom... Não vamos deixar que venha o cheiro a cominhos, as tapeçarias, os perfumes exóticos, já chega!

Candidato 1

(Incorpora marroquino).

Estas mãos trabalham muito Sôtor! Trabalham as 10, as 12, as 14, as 16 horas, sempre com um sorriso no rosto e por salários económicos... Estas pessoas podem trazer um boom económico.

Candidato 2

Um boom? Vai haver um boom sim, mas não é económico, Sôtor... Vai haver um boom à frente da Câmara Municipal de Coimbra.

O Sôtor gosta de passear pela baixa de Coimbra?

Candidato 1

Claro que gosto Sôtor, é a joia da cidade de Coimbra...

Candidato 2

É a joia da cidade, lá nisso concordamos... Agora imagine-se à noite... A passear com a sua família... O seu filhinho e a sua mulher (que é muito bonita por acaso)... E do nada, ao dobrar a esquina da Câmara Municipal de Coimbra, surge... UM MARROQUINO! *(Incorpora o marroquino).*

Candidato 1

“Boa noite”, digo eu ao senhor marroquino.

Candidato 2

Agora faça o Sôtor de marroquino... Eu vejo que tem um objeto não identificado por trás das costas. O Sôtor está a caminhar na direção do marroquino e ao passar por si, o marroquino saca de uma navalha e

começa a chinar, e a chinar, e a CHINARCHINARCHINARCHINAR... até que o Sôtor fica todo chinado deitado no chão.

Candidato 1

Ah agora sou eu o marroquino. (Incorpora o marroquino). Oh Sôtor, Sôtor...

Candidato 2

O Sôtor está cheio de sangue no meio do chão, a sua mulher (que é lindíssima)...

Candidato 1

Oh Sôtor, isso não acrescenta nada à história...

Candidato 2

(Continua a sua história). A gritar “Ai, ai!” e o seu filho a chorar...

Candidato 1

(Como se fosse o filho). “Papá! Papá! O que está a acontecer? Quem é que me vai dar a mesada agora?”

Candidato 2

Ao que o Sôtor responde: Não olhes Júnior, não quero que me vejas assim... No meio deste caos todo surge um doutor. Um médico que vem para salvá-lo a si e à sua família. Primeiro ele cose o Sôtor e depois, com o seu bisturi, afasta o marroquino: “Xô. Xô, seu drogado. Saia daqui marroquino.” *(Incorporando o médico).*

Integrando assim, duas propostas numa só: junta-se a saúde à segurança pública, formando assim as S.S.

Candidato 1

Oh Sôtor, primeiro, não pode pôr esse nome em nada. Segundo, desculpe lá mas essa história é fantasiosa e macabra. Se o senhor marroquino fez isso, é porque veio de um meio muito pobre e porque cresceu sem condições e sem apoios, fazendo assim com que ele se virasse para o crime em vez de tomar decisões mais sensatas. Estas pessoas não são para escorraçar, são para abraçar! (*Os dois abraçam-se quase de forma magnética e depois o Candidato 1 sobe às cavalitas do Candidato 2*).

Candidato 2

Sôtor, estamos cansados de carregar o mundo às costas. Sabe que mais? Vamos trocar, agora o Sôtor carregue um bocadinho o mundo, para ver como custa.

Trocaram de posições, movem-se como se estivessem um rodeo.

Trocaram novamente de posições.

Candidato 2

Estamos cansados de carregar o mundo às costas... Há subsídios para tudo... É para a habitação, é para a alimentação, é para a educação... E sobre este assunto, eu tenho uma grande paixão. Eu sou um visionário! Quero acabar com todas as disciplinas! Como o português, a matemática, as ciências, e implementar uma só disciplina... a disciplina de "Saber como andar nisto". "Saber como andar nisto"!

Candidato 1

(Imita o discurso e os gestos do candidato da oposição e depois volta ao seu raciocínio).

Desculpe lá, como é que as pessoas vão “saber como andar nisto” se nem sequer têm uma casa para viver?

Candidato 2

Oh Sôtor, por favor... Toda a gente tem uma casa...

Candidato 1

O Sôtor falou para aí sobre tanta coisa e esqueceu-se de algo extremamente importante. E a habitação?

Comigo, as pessoas vão ter onde morar e vão viver juntas.

Candidato 2

Quão juntas?

Candidato 1

Quase demasiado (*aproxima-se ao candidato opositor*) talvez menos, vá... (*afasta-se*).

Comigo, vai haver áreas comunitárias, gado comunitário, hortas comunitárias. Essa cenoura é nossa, comeu um bocado? Agora como eu um pedaço.

Comigo, vão deixar de existir prédios todos encavalitados e vai haver casas comunitárias e rotativas. Já usou essa cama? Então, com licença, agora, é a minha vez.

(O Candidato 2 vai fazendo gestos que combinam com o que o opositor diz e no fim, age como se estivesse a tomar um duche, no que o Candidato 1 se junta a ele e lava-lhe o cabelo).

(O Candidato 2 olha-o com uma expressão claramente constrangida, o Candidato 1 afasta-se e prossegue com o seu raciocínio).

Enfim, o ponto é: menos prédios, mais espaços verdes.

Candidato 2

AAAAAHHHH!!! AAAAAAHHHHHH!!!!

(O Candidato 2 grita e salta apontando para o opositor com uma atitude de reprovação e o Candidato 1 assusta-se).

Eu sabia! Ele está a tentar enganar-nos! Para quem não sabe, “espaços verdes” é um código para canabinoides! O senhor tem um filho pequeno? Ele ainda usa chupeta? (*Imita um bebé a chuchar*). Tenha cuidado com as chupetas! E a menina? Gosta de chupa-chupas? É? Então tenha cuidado porque este senhor quer trazer chupas cheios de canabinoides e estupefacientes para deixar a população lenta e burra!

Candidato 1

Sôtor, eu nunca falei em drogas... Ninguém falou em drogas...

Candidato 2

O CANDIDATO OPOSITOR QUER TRAZER DROGAS E ESPALHÁ-LAS PELA POPULAÇÃO!

Candidato 1

Não são drogas que quero trazer, são concertos! É a cultura!

25 de abril sempre! Fascismo nunca mais!

25 de abril sempre! Fascismo nunca mais!

25 de abril sempre! Fascismo nunca ma-

(Começa a cantar A madrugada que eu esperava – Bárbara Tinoco e Carolina Deslandes).

Candidato 2

(Observa o opositor, incrédulo).

Não, isso não é cultura! Eu mostro-lhe a verdadeira cultura portuguesa!

(Começa a cantar Sonhos de menino - Tony Carreira).

(Os candidatos saem do metro em direções opostas, cada um a cantar a sua música).

CENA 9 - DO AMOR (+/- 6:40min)

Nesta cena entram os dois personagens – Pirata e Super-Homem. Estão com ar cansado. Personagem 3 começa a tocar a música Youkali, do Kurt Weill no acordeão.

As personagens entram no metrobus, encaram-se de forma estranha, um pouco crítica e dançam tango.

Pirata e Super-Homem

E ela? E ela...?

Pirata e Super-Homem

Isso é fome. Isto nunca mais chega!

Pirata e Super-Homem

A gente tem de aprender a esperar. Quando esperamos tempo suficiente, coisas boas aparecem. Nunca se sabe quando o amor da tua vida entra pela porta do metrobus adentro.

Pirata e Super-Homem

Ela pode ser o amor da tua vida, mas serás tu o amor da vida dela?

Pirata

Aqui estou eu, para ti, tal como sou – queres fazer-te ao mar comigo?

Super-Homem

Este estou eu, tal como sou, sem filtros, só para ti.

Pirata

Na primeira vez em que te vi, tive uma ideia brilhante
Foi como espreitar para dentro de um diamante
E os meus olhos viraram mil caras num instante

Super-Homem

Tu és linda
Mais que demais
Tu és linda, sim
Onda do mar do amor
Que bateu em mim

Pirata

Para a dona do castelo, o Príncipe Encantado é só mais uma visita.

Super-Homem

A tua boca tem sabor de poesia. Quero ser poeta... todo o santo dia.

Pirata

Acreditas em amor à primeira vista ou tenho de sair na próxima paragem e voltar a entrar?

Super-Homem

Já cheguei aos teus olhos, mas qual é o caminho mais rápido para chegar ao teu coração?

Pirata

Deves estar exausta, passaste a noite às voltas na minha cabeça...

Super-Homem

O teu nome é Tâmara? É que tu és tã-maravilhosa...

Pirata

Olá. Não tenho assunto, mas tenho interesse.

Super-Homem

Estás a sentir o cheiro a tinta? É que está a pintar um clima entre nós.

Pirata

Está frio, não está? Queres um casaco? Então é só casa(r) comigo.

Super-Homem

Desculpa estar-te a incomodar, a sério. Tiras-me uma dúvida? Beijar é com B ou é contigo?

Pirata

(Atira-se ao chão)

Estás bem? Doeu-te muito, quando caíste do céu?

Super-Homem

Oh estrela, queres cometa?

Pirata

Oh joia, queres ourives?

Super-Homem

Gostas de maionese ou queres *que-te-chupe*?

Pirata

Oh doce, contigo era onde fosse.

Super-Homem

O teu pai é trolha? É que és cá uma obra...

Pirata

Vamos fazer assim. Vou dar-te um beijo. Se não gostares, devolves.

Super-Homem

Não sou o Pai Natal, mas quero proporcionar-te uma noite feliz.

Pirata

Uma mãe com uma filha como tu devia parir de 3 em 3 meses.

Super-Homem

És uma picanha? É que estás no ponto.

Pirata

Como pirata digo-te que és o maior canhão que eu já vi.

Super-Homem

O teu namorado faz direito? É que se ele não fizer, eu faço.

Pirata e Super-Homem

Eu sei que as coisas não estão fáceis para ti, mas eu estou.

As personagens dançam e terminam em pose de cúpido. O Super-Homem deixa cair o Pirata.

Pirata e Super-Homem (*simultaneamente*)

É ela!

“A Chegada” (+/- 28min)

À saída do Metrobus, na estação da Lousã.

Personagem 1

(para as pessoas que estão dentro do autocarro)

Então, o que é que ainda aqui estão a fazer? Já chegámos, a musa cantou e desapareceu, este é o outro lado do portal, ela guiou-nos até aqui, vamos, levantem-se. Venham cá para fora!

Youtuber

“Meus seguidores! Tinha tantas saudades vossas! Deem cá um abraço!

É oficial! O Metrobus chegou à Lousã! Não, não é um holograma, não é uma promessa de campanha, não é um PowerPoint com animação — é real, é amarelo e está a brilhar sob este sol que não foi avisado do evento!”

Vamos todos tirar uma selfie! 1, 2, 3!

(Todos Freezam)

Personagem 1

Olhem para isto! É uma feira, só tem quatro bancas e não percebo bem de quê. Esta tem roupa, esta tem instrumentos, esta tem livros, uma grande mixórdia. Acho que estes são os feirantes, mas não está ninguém nas bancas, estão todos a tirar fotos. Isto é incrível!

Youtuber

Isto é incrível! Pessoal, olhem aí uma cena cinefi...cimena...uma cena dos flimes

“O povo sai, caminha, respira, fotografa — há até quem diga que viu um político emocionado. A confirmar.”

“Os mais antigos olham com um misto de espanto e desconfiança. Os mais novos... bem, os mais novos querem saber se há wi-fi na estação.”

(Os feirantes voltam para as bancas)

Eu sei que chegaram agora, mas vamos ao nosso momento publicitário, que isto de ser youtuber não dá dinheiro, tenho que conseguir patrocínios. “Este momento de felicidade comunitária chega até si com o apoio da Farmácia Esperança: agora com comprimidos para ansiedade de Kombutch.”

“Recordamos aos ouvintes que esta linha ferroviária nasceu no século XIX, adormeceu no século XX, foi prometida em PowerPoints no XXI, e hoje — milagre dos milagres — Roda na linha, perdão, no asfalto.”

“Em 2009, encerrava-se a linha da Lousã. Hoje, em 2025, o comboio, perdão o autocarro, volta. O que perdemos nesse tempo? O que aprendemos a fazer no intervalo?”

“Outras vidas” – DAVID

Olha o que eu encontrei! Nesta banca, o que se vende não é pano — é o passado ou o futuro, depende do que o freguês quiser.

As roupas penduradas contam histórias e as etiquetas não mostram preços, mas fragmentos de alma: “Viveu três guerras e nunca viu o mar”, “Amou em silêncio durante vinte anos”, “A coisa que mais queria era poder dar a mão a uma criança” ... Para pagar, o público tem de revelar os seus sonhos, ou os seus arrependimentos (que escrevem em etiquetas em branco).

PREGÕES – MOINHOS

“Oh! freguesa, é comprar, é comprar. Roupa da moda

"Olha que é barato. Roupa usada, quase dada. Compre uma camisa e leve uma vida de graça."

LOCUTOR - DAVID

Na curva da feira, entre a banca do pão e a banca do silêncio, há uma banca de tecidos sem preço.

É lá que os dias se penduram ao lado das noites.

É lá que o passado se dobra em cabides.

É lá que se veste o que fomos — ou o que ainda podemos ser.

FEIRANTE - DAVID E MOINHOS

Venham, venham, freguesia!

Aqui não vendemos pano — vendemos pele!

Pele com memórias, memórias com cheiro, cheiro a tempo gasto!

É roupa com alma, senhores e senhoras!

Quem veste, vive. Quem experimenta, lembra-se.

LOCUTOR - AFONSO

Isto é... roupa usada?

FEIRANTE - DAVID E MOINHOS

Usada, sim, mas não gasta.

Cada peça traz um mundo no forro. Veja esta!

Costura larga, ombros caídos. Quem a veste sente logo o peso do dever.

Quer experimentar?

Voz Off (como se fosse a roupa a falar) - DAVID

Trabalhou quarenta e dois anos.

Nunca chegou a tempo ao jantar.

Tinha mãos de pedra e costas de enxada.

Mas o casaco... o casaco levava-o ao domingo, para ir ver o mar — que nunca viu.

(NA MISÉRIA E NA POBREZA)

(O FEIRANTE respira fundo. Pega num vestido de lantejoulas brilhante.)

FEIRANTE - MOINHOS

E para fechar a ronda... brilho.
Quem veste este, dança, quer experimentar, freguesa?

VOZ-OFF (sussurrada) - MOINHOS

Chamavam-lhe estrela.
Naquele verão, todos sabiam o seu nome.
Depois, esqueceram.
Mas o vestido ainda brilha.
E quando fecha os olhos... ainda dança.

“Banca das reclamações”

No coração da feira há uma banca diferente, forrada a papelinhos, avisos e cartazes com letras garrafais:

*“Reclame connosco — Nós reclamamos por si!”
“Desabafe aqui: barato, eficaz e sem julgamentos.”
“Leve 2 queixas, oferecemos um protesto!”*

AFONSO

“Tem um vizinho barulhento? Um patrão injusto? Uma saudade mal resolvida?

Sente que a vida não lhe dá troco? Reclame connosco!”

A banca pode estar cheia de objetos insólitos:

- *Um megafone de queixas acumuladas*
- *Garrafas com “mensagens engarrafadas” de protestos antigos*
- *Reclamações prontas em papelinhos com frases como “Não era isto que eu esperava”, “Quero falar com o gerente”, ou “O tempo está a passar depressa demais”*

- *Caixas de cartão com categorias de reclamações: “reclamações com a cidade de Coimbra” “Reclamações com a cidade da Lousã”, “Reclamações com o Metro do Mondego”, “Reclamações sobre a eleição do Papa”*

Os vendedores escutam, tomam notas num bloco e depois anunciam em voz alta, para toda a gente ouvir

FEIRANTE

Uma reclamação bem feita é meio caminho andado para a mudança!

E se não mudar nada, pelo menos chateia!

AFONSO

O mundo está doente. Cheio de guerras. Sinto que não há nada que eu possa fazer.

FEIRANTE (voz alta)

ATENÇÃO!

Temos uma queixa grave:

FEIRANTE (no megafone)

Aqui reclama-se contra as fronteiras que matam.

Contra os mapas que se desenham com sangue.

Contra os homens que brincam à guerra como se fosse lego!

(O sino toca. Entra **CLIENTE**.)

FEIRANTE

E você, o que vai ser hoje?

CLIENTE

Não há casas de banho na linha.

CLIENTE

O Metro do Mondego... demorou demasiado. Já nem me lembro se a espera era real ou inventada.

RECLAMADOR

Aqui reclama-se contra promessas que chegam tarde —
e ainda pedem desculpa com voz de máquina automática.

CLIENTE

O meu filho não fala comigo.

CLIENTE

Estou sozinha.

CLIENTE

O meu vizinho vota no Chega!

RECLAMADOR

Não é aqui que tem de reclamar! Oiça o seu vizinho, dê-lhe um abraço, que ele deve estar a passar por um mau bocado.

AFONSO

WTF man... Não se pode dialogar com essa gente man, tem de se partir para a luta.

RECLAMADOR

Obrigado por reclamar connosco.

Voltamos na próxima feira — ou assim que o mundo voltar a fazer sentido.

“Coisas ainda não perdidas”

AFONSO

Uma banca coberta de livros sem capa, folhas soltas, cadernos com palavras riscadas.

“Tem uma palavra que não consegue dizer? Um pedido de desculpa antigo? Uma frase que ficou a meio? Diga aqui. Nós escrevemos por si.”

Isto não faz muito sentido, serve para quê? Agora é tudo digital. Oh senhora, desculpe... ali ao pé da máquina de escrever... *WTF is this?* Afinal o que é que vocês estão a vender aqui, man?

DAVID

Isto é uma banca de achados e não perdidos (ainda).

— “Aqui estão as coisas que vão ficar para trás no Metrobus. Não são só chapéus-de-chuva e cachecóis. Aqui perdem-se palavras por dizer, (*pergunta a alguém*) promessas por cumprir, tem alguma promessa que nunca cumpriu? Gestos a meio caminho (*pergunta a alguém*).”

— “Se perdeu algo no trajeto, talvez esteja aqui. Se ainda não perdeu nada, procure bem — há sempre qualquer coisa que esquecemos sem querer.”

Temos aqui:

- Um caderno meio escrito: “*Pensamentos entre duas paragens.*”
- Um bilhete nunca entregue, já amarelecido: “*Desculpa não ter dito nada.*”

Eu, por exemplo, ía a sair de casa uma vez para o trabalho... Desci as escadas, cheguei cá abaixo, percebi que me esqueci não sei do quê... Voltei a subir... Fui buscar a coisa, voltei a descer... Esqueci-me mais não sei do quê e andei a subir e a descer as escadas o dia todo e quando dei por mim já era de noite e eu não tinha ido trabalhar... Já lhe aconteceu isto?

AFONSO

Se calhar devias tomar a medicação certa...
Que palavras gostava de ter ouvido e nunca lhe disseram?
O que lhe ficou preso na garganta no meio de uma discussão?
O que lhe faz despontar uma lágrima no canto do olho?

DAVID

Por falar em lágrimas... Aquela banca a seguir tem a ver com isso. É a banca da música. Mas lá não se vende música. A música é escutada. Ou melhor, a música é descoberta. Olha aquele senhor que lá está, andou na guerra colonial.

AFONSO

FASCISTA!

DAVID

Não! Não tem nada a ver com isso... Ele certamente deve ter muitas lágrimas acumuladas no canto do olho. Se calhar até já converteu algumas em músicas.

(MÚSICAS **CORDEIRO** – Tudo isto é mato, A tua cantiga, Inquietação)

TUDO ISTO É MATO

Perguntaste-me outro dia
Se eu sabia o que era mato
Sem saber o que dizia
Menti-te naquela hora
Disse-te que não sabia
Mas vou te contar agora

Pelas picadas, esburacadas, campo encerrado
Sinto o calor, sinto o suor e o corpo cansado
Moscas, mosquitos, bichos esquisitos, ai é tão chato

Tudo isto é triste
Tudo isto existe
Tudo isto é mato

P'ra vencer uma emboscada
Três coisas precisas são
Ouvido sempre à escuta, olho aberto e atenção

Se tudo isto tiveres
Com certeza regressarás
E se queres ouvir mais
Vai para a mata e saberás...

Pelas picadas, esburacadas, campo encerrado
Sinto o calor, sinto o suor e o corpo cansado
Moscas, mosquitos, bichos esquisitos, ai é tão chato

Tudo isto é triste
Tudo isto existe
Tudo isto é mato

Tudo isto é triste
Tudo isto existe
Tudo isto é fado

AFONSO

Isto foi tão bonito man. Afinal não és fascista. Um fascista nunca cantaria assim.

DAVID (pergunta a alguém)

Que sons fazem parte da tua história?
A minha história é a minha musa

AFONSO

Ela não quer saber de ti!

A TUA CANTIGA

Quando te der saudade de mim
Quando tua garganta apertar
Basta dar um suspiro que eu vou ligeiro te consolar

Se o teu vigia se alvoroçar
E estrada afora te conduzir
Basta soprar meu nome com teu
Perfume pra me atrair
Se as tuas noites não têm mais fim
Se um desalmado te faz chorar
Deixa cair um lenço que eu te
Alcanço em qualquer lugar

Quando teu coração suplicar
Ou quando teu capricho exigir
Largo mulher e filhos e de
Joelhos vou te seguir
Entre suspiros pode outro nome
Dos lábios te escapar
Terei ciúme até de mim
No espelho a te abraçar
Mas teu amante sempre serei
Mais do que hoje sou
Ou estas rimas não escrevi
Nem ninguém nunca amou
Se as tuas noites não têm mais fim
Se um desalmado te faz chorar
Deixa cair um lenço que eu te alcanço
Em qualquer lugar
E quando o nosso tempo passar
Quando eu não estiver mais aqui
Lembra-te, minha linda desta cantiga
Que fiz pra ti

DAVID

VÊS? Eu vi-a! Cantando a música, conseguivê-la. Tu duvidaste de mim, mas eu vi-a. Porque é que és tão cético? Tens medo?

AFONSO

Não man. Só tenho medo de aranhas e do fascismo.

DAVID

Não. Não é disso que eu estou a falar. Disso toda a gente tem medo. Do que é que TU tens medo?

AFONSO

Eu morro de medo de fazer o que eu tenho medo de fazer.

FEIRANTE

Quando a inquietação nos assola, surgem questões e com isso, mexemos com a nossa essência mais profunda...

Ao negarmos algo, estamos a constatar a sua existência?

Se algo nos é desconhecido, também nós o somos para ele. Estamos em pé de igualdade. Porquê temer o desconhecido se representamos o mesmo para ele?

Inquietação, curiosidade, receio, viagem, desafio, futuro, imprevisto, são todas elas, palavras que nos impelem ao movimento, ao crescimento e à mudança... e, só assim, o mundo pula e avança!

INQUIETAÇÃO

A contas com o bem que tu me fazes
A contas com o mal por que passei
Com tantas guerras que travei
Já não sei fazer as pazes
São flores aos milhões entre ruínas
Meu peito feito campo de batalha
Cada alvorada que me ensinas
Oiro em pó que o vento espalha
Cá dentro inquietação, inquietação
É só inquietação, inquietação
Porquê, não sei
Porquê, não sei
Porquê, não sei ainda
Há sempre qualquer coisa que está pra acontecer
Qualquer coisa que eu devia perceber
Porquê, não sei
Porquê, não sei
Porquê, não sei ainda
Ensinas-me fazer tantas perguntas
Na volta das respostas que eu trazia
Quantas promessas eu faria
Se as cumprisse todas juntas
Não largues esta mão no torvelinho
Pois falta sempre pouco pra chegar
Eu não meti o barco ao mar
Pra ficar pelo caminho

Cá dentro inquietação, inquietação
É só inquietação, inquietação
Porquê, não sei
Porquê, não sei
Porquê, não sei ainda
Há sempre qualquer coisa que está pra acontecer
Qualquer coisa que eu devia perceber
Porquê, não sei
Porquê, não sei
Porquê, não sei ainda
Cá dentro inquietação, inquietação
É só inquietação, inquietação
Porquê, não sei
Mas sei
É que não sei ainda
Há sempre qualquer coisa que está pra acontecer
Qualquer coisa que eu devia perceber
Porquê, não sei
Mas sei
Que não sei ainda
Há sempre qualquer coisa que eu tenho que fazer
Qualquer coisa que eu devia resolver
Porquê, não sei
Mas sei
Que essa coisa é que é linda

Viram? Conseguem ver? A realidade está lá fora e nós estamos a atravessá-la. É como se entrássemos nela e ela nos transformasse. O que vemos, o que sentimos, o que pensamos. Tudo nos transforma.

E só o conseguimos aqui, porque este momento, este espaço permite que consigamos passar para a outra dimensão.

Está a sentir?

O que viu quando olhou para fora?

...

O que viu quando olhou para dentro?

....

É isso. O que está fora muda o que temos dentro, e o que temos dentro transforma o que está lá fora.

Mas para isso precisamos de olhar. Precisamos de ver e sentir.

Estás a sentir?

Escuta...